

Resenha

Chego ao fim do último conto do livro *O Ateu Ambulante*, da escritora Salma Ferraz**. Ao deparar-me com o ponto final de “O dedo da prima dona”, algumas impressões atravessam-me, impressões que, por enquanto, apenas sinto, sem conseguir defini-las. Ao perceber que se trata do fim do livro, essas impressões ganham força e talvez seja possível dar-lhes um nome. Mas, melhor que nomeá-las, é formar uma imagem do que elas me provocam. Imagino a figura da morte, destituída de sua posição de todo-poderosa, assemelhando-se a uma marionete. Para piorar sua reputação, não é mais um manto negro que esconde suas marcas da eternidade, é um manto colorido, algo semelhante a um traje *hippie*. E não é mais uma foice superafiada o instrumento que carrega nas mãos, mas um ramalhete de flores que perfuma e embeleza os locais por onde essa nobre dama passa.

* Graduando em Letras na UFSC e escritor.

** FERRAZ, Salma. *O Ateu Ambulante*. Blumenau: Editora da FURB. 2001.

É essa figura, certamente cômica, mas nem por isso menos grave, o que se tornaram as impressões advindas da leitura. Antes que se comece a achar que se trata de um livro dotado de um tal poder que, efetivada a sua leitura, desencadeia no leitor o desordenamento do juízo, é melhor que explique o porquê de tal imagem formar-se.

A melhor justificativa é declarar que essa morte caricata sintetiza o que há de mais marcante no livro em questão: humor, criação e morte. Essas três palavras – que estão nessa seqüência mais para parodiar um escrito conhecido que por hierarquia – formam o tripé, ou a trindade, que sustenta esse segundo livro de contos de Salma. E por haver os que reclamarão da falta de linhas dedicadas à erudição da escritora, manifestada em epígrafes muito bem colocadas e em um belo jogo de intertextualidade, bem como em uma série de outros itens que poderiam ser arrolados, fica aqui o registro de que não ignoro tais competências, apenas julgo serem essas características que se mesclam às palavras citadas acima, subordinadas às necessidades da trindade. Mas há de se perguntar por que escolhi aquelas três palavras para a composição da trindade.

Para responder, convém que evoque, mais uma vez, a morte aloprada e que lhe reconstitua passo a passo os elementos que a formam – embora sob o risco de perder o caminho ao objetivo proposto por considerar esses elementos demasiadamente intrincados e que eles possam não conseguir sustentação sozinhos. Corrirei o risco, acreditando que, no momento oportuno, esses elementos não resistirão às forças que os atraem e provarão ser, mais que trindade, unidade.

Começemos pelo humor

Ao se deparar com a capa de *O Ateu Ambulante*, dificilmente se poderá pensar que um livro negro, com esse título forte e a figura do Cristo agonizante estampada na capa, se trate de um livro no qual o humor é marca constante. Vejo o humor como a linha mestra que entrecruza e une os diversos contos do volume. Humor refinado, que provoca o riso, utilizando-se de artifícios desconcertantes, inteligentes, e nem por isso complicados em demasia, que podem levar o leitor desatento a achar que o livro não cumpre seu papel. Mas cumpre, e muito bem!

Na dose certa, a autora imprime sua marca, um humor permanente, nos contos que produz. Exemplificando, começo pelo conto-título, “O Ateu Ambulante”. Uma história que, simplesmente contada, sem os artifícios de que se vale a escritora, pode levar os mais sensíveis às lágrimas. Mas não é o que acontece. A história do rapaz rebelde que renegou a riqueza para viver como mendigo pelas ruas de Curitiba, que morre e quase é velado sob os rituais religiosos de sua família, os quais tanto negou, só escapando graças à intervenção de sua sobrinha, que providencia para que ele tenha um fim adequado à sua pessoa, sob a ótica de Salma se reveste de uma comicidade esplêndida, sem deixar, no entanto, de comover. Convém destacar o diálogo inusitado entre o ateu moribundo e um pastor, travado no interior de um hospital.

Outro exemplo é o conto “O Namorado Gerúndio”, em que a terminação de um nome aliada a uma displicência inocente é mote para um belo texto, apesar de um certo incômodo causado pela fixação constante da terminação do gerúndio. Ou o conto “A Felicidade é Azul”, em que uma ereção póstuma coloca uma pobre viúva entre “a cruz e a

tesoura”; ou o conto de caráter anedótico, “O Sobrenome da Rosa”; ou, ainda, “O Dedo da Prima Dona”, em que uma situação “real” é contada com toda a comicidade que se lhe poderia extrair.

A Morte

A morte aparece, nesse momento, ainda de negro e de foice em mãos. Esta é uma figura recorrente em mais da metade dos contos. Aparece em variados graus de impacto, mas sua presença não pode ser ignorada. Não se trata de considerar *O Ateu Ambulante* uma espécie de livro-lápide, mas sim de atentar para o tratamento destinado à imagem da morte. Não é o caso de supervalorizar o inevitável acontecimento da morte, nem de sua banalização. Trata-se de saber controlar os momentos de ênfase e de supressão da imagem da morte, de temperá-la com uma dose de humor e re-transportá-la numa realidade em que ela é comum, a “realidade” do leitor. Trata-se não do que a morte é, do que representa, mas dos efeitos que ela provoca.

No conto “O Ateu Ambulante”, a morte provoca um estado de nostalgia, a ausência que ela evoca é agradável, embora provoque um abalo interno; é a falta doída, mas gostosa de ser recordada. Em “O Namorado Gerúndio”, um final inusitado é provocado. Em “A felicidade é azul”, uma morte dada desde o princípio coloca em apuros uma viúva que tem dúvidas do que fazer com o tesão póstumo do marido infiel. Um assassinato cômico-passional e suas repercussões marcam o conto “Confissões Nada Sentimentais e Memórias Admiráveis de um Bode Adolescente”. Mas há momentos em que a morte apresenta sua faceta mais mórbida, como na densa atmosfera que permeia “Prisioneiros do Cemitério” e no desfecho um tanto lúgubre de “A Sacerdotisa de Baco”. Por essa presença marcante, a morte se configura quase que como uma personagem, sendo mais um fio, competentemente utilizado, na amarração do livro.

A criação

E no princípio era a página em branco. E o espírito-escritor pairava no vazio. Mas eis que ele sai de sua inércia e diz “Faça-se a literatura”, e a literatura se fez. E o espírito-escritor viu que a literatura era boa. E no segundo dia o espírito-escritor criou o enredo; no terceiro dia, criou os gêneros; no quarto e quinto dias, respectivamente, criou as personagens principais e secundárias bem como os elementos de pano de fundo e os elementos necessários à ação, aos conflitos, etc.. No sexto dia, ao invés de descansar, e talvez mesmo por causa do cansaço, o espírito-escritor distraiu-se e deixou que se criassem os críticos. Essa pequena paródia da criação serve de mote para que se possa falar de um terceiro aspecto de destaque nesse livro de Salma. O seu processo de criação explícito, a atmosfera de oficina ficcional que recobre a maioria de seus contos. O que se vê nesse livro é um campo de obras em que se trabalhou, e no qual as ferramentas e partes da planta ficaram expostas, dando “dicas” dos procedimentos utilizados na construção. Sob esse prisma, diria que *O Ateu Ambulante* configura-se como um arrojado e autêntico método de produção literária.

Para exemplificar essa terceira parte da trindade, essa atmosfera metaficcional, um fragmento do conto “O Seio Nosso de Cada Dia”: “Antes, eu dizia que uma folha branca

me intimidava. Agora, a tela vazia e ansiosa por palavras me ofusca o pensamento, porque não posso simplesmente bater o cinzel sobre a tela e gritar: Parla. Começar é preciso. É preciso manchar a tela com palavras” (p. 125).

Aqui e ali, podemos localizar fragmentos como esse, que deixam transparecer mecanismos de criação: “Pensei em escrever um conto a la Garcia Marquez e anotei, rapidamente, num guardanapo de lanchonete de beira de estrada, alguns tópicos: *alcoolismo, depressão, incêndio, guarda-roupa, suicídio do pai*, etc.” (“Prisioneiros do Cemitério”, p. 107).

Outra ocorrência de destaque é o tratamento dado a acontecimentos “baseados em fatos reais”, transpostos para o formato de contos, para a ficção, num acoplamento que não prejudica o literário do texto. Dois contos se destacam como exemplo dessa transposição, a saber, “O Dedo da Prima Dona” e “Memórias Nada Sentimentais...”. No primeiro, há o fornecimento das informações necessárias para que o leitor averigüe e reconstitua a história de acordo com o seu ponto de vista (que poderia ser uma focalização centrada em outra personagem, por exemplo, o tenor apaixonado): “Quem quiser saber mais detalhes dessa estória bastará ir a Londrina, conversar com antigos componentes do coral adulto da Universidade Estadual de Londrina, e confirmará a veracidade desses fatos, porque qualquer semelhança com pessoas e fatos, nesse caso, não é mera coincidência. Às vezes a vida é melhor que a arte, e a arte é que imita a vida” (p. 143) “Confissões nada sentimentais...”, por sua vez, caracteriza-se não só pelo uso do caráter metaficcional, mas também pelo tom pessoal e uma certa oralidade, que conferem ao texto fluidez, marca de história que possa ser facilmente contada, sem o atravancamento tão comum ao texto escrito.

A Morte “hippie”

De resto, evoco novamente a morte caricata, marionete no que diz respeito ao domínio da autora sobre o texto, à sua capacidade de moldar a palavra em objeto artístico, tarefa nada fácil, mas executada com maestria: “A palavra expressa é prazerosa, mas a palavra a ser escrita, apavora-me, me oprime, e eu permaneço como a mão do maestro, gestando em silêncio, descansando sobre o coração. Mas há um momento em que minha mão se levanta e eu espremo o germen da palavra num único jato, vigoroso, na tentativa de que as palavras componham uma sinfonia nunca ouvida. Começo a crer que esse conto terá ressonâncias musicais” (“O Dedo da Prima Dona”, p. 143).

O traje colorido, riponga, ressalta o humor constante em seus contos, o riso bem provocado, administrado na dose certa, conforme requeira o caso. *O Ateu Ambulante* é, definitivamente, um livro feito para o riso.

Ressalte-se ainda o ramalhete de flores substituindo a foice como instrumento de trabalho. O ramalhete é a presença mesma da morte, que executa sua tarefa eterna, mas sem os requintes sombrios que lhe são peculiares e sim como “espetáculo natural”, com nuances e detalhes que na maioria das vezes nos passam despercebidos.

Como havia dito, é o humor o responsável pela junção desses elementos numa estrutura coerente. Ele perpassa todo o livro, jogando com a morte, presente na composição metaficcional, condicionante do erotismo, acionador da intertextualidade, etc..

No mais, sobra-me a obrigação de recomendar a leitura desse livro, para que o leitor tire suas próprias conclusões, em acordo ou desacordo com as minhas, e também tire o melhor proveito que se pode extrair de um livro, que é a satisfação ou não dos critérios estabelecidos pelo leitor, direito inalienável que o existir de um texto lhe concede.

